



«Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — para gaiatos. A frontaria é elegante, com traseiras de conforto, dominando horizontes de rara beleza. A luz entra aos feixes pelas janelas dentro. O miúdo limpa, ajeita, canta. O terreiro onde brinca é escola de trabalho. As obrigações da Casa são tarefa deles. Tal como em sua casa, o gaiato vai à fonte. Eles vêm do tugúrio... Tomam aqui sopas de leite pela primeira vez na vida! E, volvidos tempos, são tão lindos como os teus!» (Pai Américo)

A fundação da OBRA DA RUA

N. da R. — Após a inauguração da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo (7/1/40) Pai Américo edita no prelo da Gráfica de Coimbra, em 1941 (quase a par da primeira edição do primeiro volume Pão dos Pobres), um valiosíssimo opúsculo de 24 páginas profusamente ilustradas, no qual faz a síntese histórica das Colónias de Campo do Garoto da Baixa (de Coimbra) — únicas em Portugal até aí! — culminando na fundação da Casa de Repouso do Gaiato Pobre, génese da Obra da Rua.

Recordamos que no tempo da nossa instalação em Paço de Sousa (1943) — no antigo mosteiro beneditino onde nos alojámos enquanto Pai Américo realizava, em força, o sonho que trazia na alma: a construção da Aldeia dos Rapazes — o opúsculo Casa de Repouso do Gaiato Pobre também servia de credencial à sua qualidade de Pai do «Lixo das ruas», sempre que precisasse de abordar pessoas ou entidades com vista à prossecução e expansão da nossa Obra.

É dia de Festa! A Obra da Rua comemora 43 anos de vida! Por isso, e sendo o livrito inédito para os nossos leitores, achamos pertinente transcrevê-lo, hoje, nos anais da Obra da Rua — O GAIATO — respeitando os próprios subtítulos da autoria de Pai Américo. Aqui está:

● HISTÓRIA

Um padrezinho da cidade de Coimbra pediu e obteve licença do seu Prelado para visitar Pobres e cuidar deles, dentro de suas próprias habitações, para melhor conhecer seus nomes e mais eficazmente os servir.

Nas visitas diárias à mansarda e ao tugúrio topava o visitador legiões de orfanos esfaimadas, deitadas no chão estreme ou sobre rimas de cisco, à espera da mãe «que tinha ido prò rio», ou do pai «que anda desempregado». E começou o dito padrezinho a dar preferência à sorte dos filhos, sem de todo descurar a dos mais.

Projectou organizar um pequeno grupo daquelas vítimas de fome lenta, e conduzi-las

para qualquer sítio montanhoso onde se lhes pudesse dar trinta dias de sol e de pão; e, do projecto ao acto, foi um tiro de espingarda.

No primeiro ano, conduziram-se vinte e sete gaiatos; no segundo, cinquenta e três; e nos dois seguintes, chegou-se à casa dos duzentos em cada ano.

As Colónias ganharam fama num instante. O garoto fazia a revolução e vinha, em pessoa, dar o nome e alistar «recrutadas» nos primeiros dias de Junho, todos os anos. Trazia os mais pobres e os mais abandonados

das suas ruas, informado de que o benefício das Colónias de Campo era somente para os pobres: «Eh, pá, tu não vais que és rico!» — exclamava. Para alguma coisa serve a desgraça!

As Colónias eram superiormente dirigidas por estudantes da Universidade e do Seminário de Coimbra, rapazes dedicados e generosos, obreiros do Evangelho; e coadjuvados pelo próprio colono, a quem se marcava tarefa todas as noites, à hora dos conselhos e dos avi-

Cont. na 4.ª página

Aniversário

● Foi, talvez, num dia frio e chuvoso que Pai Américo visitou no Beco-do-Moreno a barraca do pai doente com quatro filhos sem pão. «Não sei que me deu no peito. Entrou na minha alma uma ideia criadora, fiz-me desde aquela hora um revolucionário — e nunca mais tive paz!»

Neste e noutras Becos, nesta e noutras barracas — lançou raízes a semente que germinou no seu coração.

E nasceram em Agosto de 1935 as Colónias de Campo do Garoto da Baixa. Primeiro, numa casa pequena; depois, «nem ideia nem rapazes cabiam na casa primitiva, onde nasceram os dentes da Obra. As chusmas dos estagiários passam em arco de triunfo, por debaixo do sol doirado e da borra bem cozida».

Mas no fim das Colónias, sempre, o mesmo regresso ao tugúrio. A mesma sensação de Obra imperfeita. «Depois das vistas de fogo, a escuridão.» E no «deixe-me ficar aqui, que

a gente em casa passamos fome» lançou, de novo, raízes a semente viva.

«O amor é mais forte do que a morte. Comprei uma quinta para eles.» Assim nasceu a Obra da Rua. «No dia sete de Janeiro do ano de mil novecentos e quarenta, deu entrada na Casa do Gaiato um de três deles que foram os pioneiros da Obra.» Quarenta e três anos!

Obra de Deus! Nunca Ele faltou. Obra da Igreja! Em cima de poucos ombros e frágeis.

● Lendo os escritos de Pai Américo — ficam-nos três tónicas fortes e dominantes que, verdadeiramente, são as colunas mestras do edificio da sua e nossa Obra:

— A fé no Senhor Deus;

— O cultivo da presença de Jesus no seu dia-a-dia;

— O amor aos irmãos como propósito e prática de vida.

Cont. na 4.ª página

O nosso Jornal

Nós somos empurrados pelos nossos Leitores — é o termo! — a actualizar o preço de O GAIATO, agora 7\$50, marcado na primeira página segundo as convenções.

Há cerca de quarenta anos, é a quarta vez que somos forçados — por quem faz do «Famoso» o seu livro d'horas — a tomar uma decisão desta ordem, na medida em que, mesmo no seu testamento espiritual, Pai Américo exige que não sejamos «solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor — acentua — deixar tudo à generosidade espontânea de cada um». E é por força desta generosidade — tanto na distribuição, avulsa, do jornal pelos nossos pequenos embaixadores, como pelo correio dos milhares de Assinantes — que nos aparecem assiduamente legiões d'almas escaldantes a impor, com veemência, a actualização convencional do preço do «Famoso»!

— Sobe tudo, tudo...! Há quantos anos permanece O GAIATO com o mesmo preço?... Não pode ser!

«E mais e mais e mais» — diria Pai Américo.

Na realidade, só nos últimos três anos quase duplicou o preço de cada resma de papel de jornal! E continuará a subir pelos tempos fora, não sabemos até onde! Mas, a «generosidade espontânea» dos Leitores tem vindo sempre — e, se Deus quiser, virá sempre — a compensar todas as subidas.

Não é o dinheiro que nos move! Deus sabe as contas que faz. A Obra da Rua é d'Ele. O GAIATO d'Ele é. Por isso, jamais nos inquietaríamos com o preço de capa, não fosse — repetimos — a expressa exigência dos Leitores, na rua ou pelo correio.

Rendamo-nos à evidência!

Todavia, e como recado final, os Pobres não se inquietem! Se não puderem alinhar pela maioria, continuem a dar pelo O GAIATO o que puderem, aquilo que sempre deram. E quem não tiver possibilidades nenhuma, que nos diga com toda a franqueza, de irmão para irmão, e O GAIATO seguirá grátis — com a nossa amizade e gratidão.

Júlio Mendes

AQUI, LISBOA!

«Meu filho, ampara o teu pai na velhice e não o desgostes enquanto viver. Ainda que ele perca a razão, sê indulgente, e não o desprezes, tu que estás na força da vida (Sir. III, 4-16)»

Escrevemos na Festa da Sagrada Família. No Seu exemplo encontramos os parâmetros indispensáveis para fazermos frente ao caudal de dessamento, patente aos nossos olhos, que ameaça destruir a célula vital da sociedade e, portanto, fazer perigar todos os valores familiares.

Temos vindo, em breves notas, a falar dos anciãos e do seu afastamento da vida doméstica, votados ao ostracismo, mesmo ao desprezo, como coisas inúteis ou incomodativas, que perturbam a nossa ânsia de prazer ou de consumismo. O trecho de que respigamos a nota introdutória, além da beleza formal, contém uma belíssima sùmula do que deve entender-se como prática do mandamento que nos manda honrar pai e mãe. O cuidado com os pais na velhice, o evitar-

-lhes causar tristeza, a indulgência com eles se vierem a perder a razão, o nunca os votarmos ao abandono, são imperativos humanos que importa ter sempre presentes, sob pena de negarmos os valores e as virtudes básicas da vida familiar.

Somos, à partida, contra o proliferar de Lares, Asilos e outros, destinados àqueles que se convencionou chamar terceira idade. É na família, sempre que possível, que se devem dar as respostas adequadas. O egoísmo das pessoas é que dita, na maior parte dos casos, a necessidade de se instalarem os idosos em instituições daquele tipo. É trágico, porém, que tal suceda, pois só revela insensibilidade, injustiça e, com frequência, ingratidão, representando, ao fim e ao cabo, um verdadeiro abandono. Ausen-

tes a ternura, a compreensão e o bafo humano que só a vida em família pode dar, condenam-se os anciãos a uma solidão atroz, que os irá martirizar e a desejar o rápido fim dos seus dias.

Em nossa modesta opinião parece-nos que a existência de centros de convívio, ao contrário, seria salutar, pois, permitiria, sobretudo nos centros pequenos, o encontro de pessoas do mesmo grupo etário e a possibilidade de relacionamento que a vida doméstica, sobretudo em certos períodos do dia, torna difícil ou mesmo

impossível. De qualquer modo, porém, estes centros deveriam ser meramente supletivos.

Lares ou Asilos seriam, ainda em nossa fraca ideia, para os anciãos sem família, ou com doenças profundas, hemiplégicas, paraplélicas ou similares, requerendo atenções e tratamentos particulares, impossíveis em ambiente caseiro. De qualquer modo, havendo familiares, estes não podem nunca ser dispensados de cuidados e carinhos, com amiguadas visitas e outras atitudes, que a criatividade de cada um e as exigências dos doentes ou de pauperados de forças aconselharão em cada caso.

Sabemos que não estamos sós ao perfilhar as ideias aqui expressas. No Gana, por exemplo, Mons. Sarpeng diz que

«A África deverá opor-se à criação de centros institucionais para acolhimento de pessoas da terceira idade. Deve, em vez disso, promover os valores morais, sociais e espirituais que facilitem o acolhimento dos velhos no ambiente familiar». Importa dar às pessoas idosas o enquadramento ajustado, respeitando a sua dignidade e aproveitando da sua sabedoria e da sua experiência. De resto, numa visão cristã da vida, não poderemos esquecer que os débeis e os mais fracos devem ser alvo de atenções particulares e empenhadas, ultrapassando as soluções espartanas da existência. E o espírito de família, a sua união e os seus valores são para funcionar em todos os momentos

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Entre os Pobres, todos os dias são dia de Natal... Não o colorido do Mundo, mas idêntico ao de Jesus de Nazaré, que Se fez Pobre para Salvação dos Pobres.

São Viúvas sem a pensão que, por direito, lhes pertencem, retidas na malha da burocracia. «Estou já a ficar sem nada...! Eles nem respondem nem querem saber de nós» — queixa-se uma delas. Outra, com uma data de filhos deficientes, continua numa roda viva — do Douro ao Alentejo — por mais papelada!

Há dias, em franco diálogo com duas assistentes sociais, cujo modo de vida é dar a mão aos mais carecidos e vergados ao peso da burocracia, perguntámos se não bastaria a certidão d'óbito do pai, já na posse dos Serviços, para o agregado receber, imediatamente, a magra pensão. Os olhos delas faiscaram — com um sim categórico! Estávamos sintonizados! Elas pela profissão, nós por devoção!

Entre os Pobres, todos os dias são dia de Natal... Até nas aflições escondidas em quatro paredes toscas, ou por calafetar, dos Auto-construtores! Um deles, carregando — mai-lhos seus — o peso da cruz, da loucura em que se meteu — e não vivendo para mais nada do que para a sua casa — tem chorado lágrimas de sangue...! Mas, naquela véspera natalícia — do calendário litúrgico — fora das vistas do Mundo, entra ali um Sopro de Nazaré pelas mãos pecadoras de outro pobre mortal, e foi o Céu!... Todos ficaram sufocados; porém, com mais alento para a caminhada. Um acto de Justiça — pela Caridade do Senhor Jesus!

Entre os Pobres, todos os dias são dia de Natal... Quem duvida!? Pois aquele Deficiente, mutilado d'ambas as pernas, suspenso, íamos a dizer flagelado por dois tocos, vivia a sufreguidão duma cadeira motorizada. «Nem posso ir à Missa! A igreja fica acajo a dois quilómetros, por maus caminhos...» Que diria Jesus de Nazaré a nós outros, com duas pernas — à própria comunidade onde está inse-

rado — de braços cruzados!?... E o nosso Amigo continua: «O q'eu poderia fazer de carrito na mão!... Há uma feira todolos quinze dias, na minha terra... Mas preciso dum carrito...!» Numa acção rápida, sem precedentes, o vicentino pô-se em campo. Avalia. Não importa o quanto! Mede. Toma alturas. Chama o Deficiente à nobre cidade Invicta. Ele bota fora os tocos — o flagelo! Alapa-se no carrito. E vem por aí fora radiante, estrada pejada de trânsito, até junto dos seus mais seus, cantando glórias ao Menino Jesus. «Agora sou outro home, graças a Deus!...»

Sim, entre os Pobres, todos os dias são dia de Natal! Não o colorido do Mundo, mas idêntico ao de Jesus de Nazaré, que Se fez Pobre para Salvação dos Pobres.

Júlio Mendes

Tojal

VISITA — Em vésperas do dia maior para toda a Humanidade — o Natal — fomos visitados pela sr.ª Dr.ª D. Maria Manuela Eanes, trazendo na sua comitiva as senhoras Embaixatrizes dos Países com quem Portugal tem relações diplomáticas.

Sabemos que foi a primeira vez que este tipo de visitas se realizou. Algo nos agita o coração e interrogamo-nos: Porquê ser a Obra de Pai Américo — a nossa e vossa Obra — a escolhida? Deixamos a resposta à consideração dos nossos Amigos.

Para lá das prendas distribuídas pessoalmente, foi também oferecido um televisor a cores.

A todas as senhoras Embaixatrizes e à sr.ª Dr.ª D. Maria Manuela Eanes o nosso bem haja.

NATAL — Festa de toda a Igreja, Festa da Família e, finalmente, Festa que deveria ser de Paz interior e exterior durante todo o ano. Mas sabemos que, infelizmente, não acontece por culpa dos homens.

O nosso Natal, pelos princípios que nos regem, é antes de mais uma Festa de Família sem excepção. Fomos entusiasticamente lembrados por todos os nossos Amigos, já conheci-

dos, e por Amigos anónimos. Vinham até nós das mais variadas formas depositar as suas lembranças, e, às vezes, com que sacrifícios! Mas partiam sorrindo e dizendo as maiores e melhores palavras de Esperança. Também a RDP — Antena 1 — não se esqueceu de nós, patrocinando a sua Festa de Natal, no Parque Eduardo VII, para a nossa Comunidade.

Para todos, mas para todos sem excepção, o nosso bem haja, com os votos de Boas Festas e que o Novo Ano que se aproxima venha mais cheio de Paz.

Luis Eduardo

Paço de Sousa

NATAL — A festa de Natal, em nossa Casa, é sempre aguardada com grande expectativa.

Para nós, uma das maiores alegrias é a visita de muitos irmãos nossos que aproveitam a data para virem até cá relembrar a sua e nossa Casa, deixando-nos o seu exemplo de filhos da Obra — como na verdade são.

As cerimónias decorreram numa grande festa, desde o nosso jantar, e a Eucaristia, até ao ponto mais desejado pelos nossos «Batatinhas»: a entrega dos presentes.

Desejamos a todos os nossos irmãos e leitores espalhados pelo Mundo, a continuação de Boas Festas e um próximo ano cheio de felicidades e amor, para ajudarmos a construir um Mundo Melhor.

PADRE MANUEL — Esteve entre nós, durante vários dias — como já dissemos — o nosso querido Padre Manuel António, que já regressou a Angola, acompanhado de dois dos seus filhos, que fez homens. Aproveitaram as suas férias para virem a Portugal e, agora, juntos, Pai e filhos regressaram a África.

Neste momento, só nos resta desejar uma boa viagem e grandes êxitos e que o regresso do nosso querido Padre Manuel António seja rápido — apesar de ser um grande sacrifício. Mas o ditado é bem certo: «Quem ama, sofre».

Carlos Alberto

TRIBUNA DE COIMBRA

De todas as prendas de Natal houve três que tiveram um sabor muito especial. A primeira — no próprio dia de Natal — foi a visita de casal que veio de muito longe. Faces roídas de dor e olhos brilhantes de lágrimas, num grande esforço de sorriso. Veio trazer, em cheque, o seguro da filha de 18 anos que o Senhor lhes levou. «Só este grande amor era capaz de nos fazer sair hoje de casa! A fé em Deus e a esperança na Vida Eterna dão sentido à nossa dor e à nossa saudade.»

Conversámos algum tempo sobre a vida. A vida é um dom de Deus. Os filhos são tesouros confiados à guarda dos pais. Deus é o Senhor. Quando quer vem buscar o que é Seu. Todos nós somos somente guardas e administradores dos dons de Deus. Nós não somos senhores de nada.

Este casal, com seu testemunho profundamente cristão, resignado e confiante na Vontade de Deus, foi a melhor prenda de Natal.

A segunda prenda foi a morte da Conceição. Depois do calvário de dores que durou vários anos, e da longa agonia, o Senhor por Quem ela sempre chamou, veio buscá-la. Foi uma vida relativamente curta, mas cheia de esforço à procura de santidade. São testemunhas os seus três filhos, apaixonados de amor pela Mãe, que ela queria deixar criados. São testemunhas as lágrimas de toda a gente que a acompanhou até à sepultura. Somos testemunhas todos nós desta grande família a quem ela tanto ajudou no seu ser-

vir generoso de tantos anos.

Foi uma vida curta e sem tréguas, marcada pelo amor ao trabalho, à oração e ao sofrimento. Tantas vezes lhe ouvi dizer dos lábios e do coração: «Todos temos obrigação de ajudar a criar estes meninos.»

Muito obrigado Conceição pelo bem que nos deixou. Que o Senhor Deus — em Quem sempre acreditou e confiou — a tenha recebido na Morada Celeste.

Na hora em que o correio nos entregou a carta de Boas Festas do Luís, nessa mesma hora a morte, sem ninguém contar, pôs-lhe fim à vida terrena. Foi triste surpresa para todos. O Luís António Lopes (Luís «Velha») foi dos primeiros que Pai Américo recebeu nesta Casa, no dia 25 de Março de 1940. Passou já este Natal com Deus em companhia de Pai Américo e de todos os santos. Assim pedimos e assim esperamos. Ficou-nos no coração o grupo de Amigos que se juntou à volta do Altar, na Missa de corpo-presente, na Igreja de S. José e a despedida da irmã que entre lágrimas balbuciou o último adeus: «Querido irmão, estou a recordar o dia em que te entreguei ao Padre Américo e lhe pedi para ele te tratar como filho. Foi assim que ele sempre te tratou. Abençoado seja».

Cinquenta anos em Coimbra, no Porto e em Moçambique. Já morto, o Luís voltou à terra onde nasceu. Terminou sua peregrinação nesta terra.

Que o Senhor o tenha recebido em Sua Casa.

Padre Horácio

Partilhando

□ Estávamos quase no Natal. O frio que fazia, lembrava-nos as baixas temperaturas de outrora. E atrás da porta de entrada do corredor, junto à cozinha, na casa-mãe, esperava-nos uma mulher vestida de preto. Parecia não ter ainda trinta anos. Já não tinha marido. A pensão, por direito, deixou de vir por costume. E os três filhinhos, em casa, não deixam de comer pão... Ela chora. É a sua única razão! Tirei do bolso a nota. Ela calou-se e parou de chorar. Aquilo não era nada... Era Natal! E o Natal ainda é tão pouco para tanta gente!

Eu não quis que ela se calasse e parasse de chorar... Enviei-a ao Júlio Mendes para que a visse e ouvisse e agisse dentro do seu conhecimento de tal problemática.

Hoje, o pão, na mesa dos Pobres, ainda não é uma certeza!

□ O correio de Natal é sempre abundante em mensagens materiais e espirituais. Em alegrias e tristezas, também. Eu, o Manuel Pinto e o «Régua» víamos o correio daquele dia. Uma carta que chega, feita em versos de Natal, a anunciar a Paz, a Alegria e a Salvação do Menino Deus que vem à Terra. Achámos graça, e remetemos para o poeta

do «Régua», a resposta também em verso. Aceitou...

A carta seguinte trazia outra mensagem... de dor, de pobreza, de solidariedade humana. Alguém a pedir por uma sua vizinha, viúva com muitos filhos, alguns atrasados mentais. E, na iminência de perder a sua casinha por não poder pagar a renda.

«Próximo da minha residência mora uma família composta por Mãe (viúva), dois filhos e três filhas respectivamente de 23, 19, 16, 14 e 8 anos. Os dois filhos são atrasados mentais e não saem de casa. O de 19 anos dá muito trabalho à Mãe por ser muito irrequieto. As três filhas também são incapazes de ganhar o seu sustento.

Assim, é uma dor de alma ver aquela família a passar fome, embora algumas pessoas vão contribuindo com algumas ofertas.

Tem esta Mãe pedido por todos os lados, inclusivé entidades oficiais, o internamento dos filhos, só que promessas não matam a fome e ela aí está todos os dias a chorar por não ter com que sustentar a família. Desde a morte do marido (há cerca de 1 ano) tem-se feito um autêntico farrapo humano.

Vivem numa casa da Caixa de Previdência. Devem 64 me-

ses de renda (de 750\$00/mês), por não terem meios para pagar. No tempo do marido a miséria era quase a mesma devido à sua doença, e está com a ameaça de ser posta na rua por não pagar a renda (que rica Assistência Social).

Conheço a Casa do Gaiato através da leitura de todas as publicações da Obra, pela assinatura de O GAIATO, por algumas visitas efectuadas a Paço de Sousa e Beire...

Por me ser pedido e também por vontade própria peço o favor de me informar se há possibilidades de internamento, no Calvário, em Beire, pelo menos do filho mais velho (23 anos). Tenho as minhas dúvidas, por se não tratar de um homem da rua mas de um homem de casa, donde não sai (por medo dos homens?)»

Que fazer!?!...

Dois cartas. Duas mensagens. Dois Natais!... Um em verso, outro em prosa... Dois momentos da nossa vida. Alegria e tristeza. Quase tudo ao mesmo tempo. É formidável!

□ Os nossos presépios são feitos ainda de musgo e pedras, um pinheiro ao alto, as imagens da Gruta de Belém, as ovelhinhas e companhia. Cada casa tem o seu presépio e cada qual é o melhor. Por tradição, por alegria e por lembrança! Mas dão muitos problemas! Um deles é aos fins-de-semana. Aí, ao meio da nossa avenida, apareciam ciclerones (sinaleiros!) de ocasião a encaminhar (a puxar) as pessoas para os presépios da casa de cada um. Não pode ser! Os ciclerones de ser-

viço na casa-mãe estavam sem trabalho. Desordem e confusão! Havia reclamações. Oportunismos. Avisámos. E tudo voltou ao seu lugar.

O «Vinte e cinco» é o exemplo — mau — de tudo isto. Sem ser por obrigação, levou os visitantes até ao seu presépio. Guardou ele o dinheiro que lhe deixaram para colocar no seu presépio. Em vez disso, entregou-o ao seu irmão — o «Vinte e seis». E este fugiu... Ora, aqui temos! A fuga ligada ao Presépio. Do Menino Jesus sabemos que foi para o Egipto com seus pais e do «Vinte e seis» não sabemos para onde foi, sózinho... Vejam lá as nossas histórias dos meninos do Presépio!

«Vinte e cinco» não merece participar na festa de sua casa, em honra do presépio. Ficará ao canto..., se, até lá, o perdão

não vier dos seus colegas. E, se calhar, nem o Menino Jesus lhe irá valer. Neste caso! Nos outros, que lhe valha e muito!

□ Um grupo de jovens, do Porto — amigos do «Laranja» e do «Cebolinha» — vieram com um carro cheio de brinquedos, prendas de Natal, até Paço de Sousa. Jovens! Pelas ruas e casas comerciais, pelos amigos, dizendo que todos somos ainda poucos para ajudar os que mais precisam! É verdade! E que presença simpática! Generosa! Útil! E cristã! A Obra da Rua é dos jovens! De espírito, essencialmente. E o Amor não envelhece... Cá dentro, há juventude de setenta e tal anos! Viva o Espírito de Deus, vivido até ao fim...!

Padre Moura

Retrato da Paz

«Não te preocupes em saber quem é por ti ou contra ti; mas seja teu principal cuidado pedir a Deus que te ajude em tudo o que fizeres.

Conserva pura a tua consciência e Deus te defenderá.

A quem Deus quer ajudar, nenhuma perversidade humana lhe pode fazer mal.

Se sabes calar e sofrer, terás o socorro do Senhor.

Ele sabe a ocasião e o modo de te aliviar; oferece-te, portanto, a Ele inteiramente.

A Deus pertence ajudar-te e livrar-te de toda a confusão.

Muitas vezes é de grande proveito para o nosso espírito, a fim de que se faça mais humilde, que outros saibam e repreendam os nossos defeitos.

Quando o homem se humilha pelas suas faltas, abranda facilmente os que o criticam e desarma aqueles que contra ele estão irritados.

Deus protege e livra o humilde; ama-o e conforta-o; vai ao seu encontro, dá-lhe abundantes graças e, depois da humilhação, eleva-o à glória.

Ao humilde revela os seus segredos e atrai-o docemente para Si.

O humilde, recebendo afrontas, conserva-se em paz, porque tem a sua confiança em Deus e não no mundo.

Não cuides que hajás feito progresso espiritual se não te

avaliáres por inferior a todos.

Estabelece primeiro a paz no teu coração, e depois poderás comunicá-la aos outros.

Mais útil é o homem pacífico de que o letrado.

O homem apaixonado até o bem converte em mal e acredita no mal com facilidade.

O homem bom e pacífico transforma tudo em bem.

Quem está em boa paz de ninguém suspeita mal. Mas quem vive inquieto, anda constantemente perturbado por suspeitas e por isso não conhece sossego nem dá sossego aos outros.

Diz muitas vezes o que não deve e deixa de fazer o que mais importa.

Preocupa-se com as obrigações alheias e descuida-se das suas próprias.

Zela, pois, primeiramente por ti, e só depois poderás com justiça zelar pelo teu próximo.

Tu sabes muito bem desculpar ou colorir as tuas faltas, mas não queres aceitar as desculpas alheias.

Mais justo seria que te acusasses a ti e escusasses a teu irmão.

Se queres que outros te suportem, suporta-os tu primeiro.»

(Da «Imitação de Cristo» — Lib. 2, cap. 2-3)

CANTINHO DA FAMÍLIA

Nos últimos dias, vivi uma experiência feliz. Primeiro, no Vale das Amoreiras, perto do Barreiro. Ali, moram alguns casais, nascidos na que foi a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Vivi a grande verdade que foi uma linha de força do pensamento de Pai Américo: criar na Casa do Gaiato uma personalidade familiar forte como a gerada entre pais e filhos numa família normal. Quando assim acontece, nem o tempo nem a distância podem destruir aquela comunhão de vida forjada ao longo de anos de convivência. Os laços que prendem os rapazes uns aos outros e aos seus padres são laços familiares. São relações de pais para filhos e relações de irmãos.

A propósito, recordo um pormenor da minha vida: Estava, ainda, na Casa do Gaiato de Benguela, uma comunidade de 160 rapazes. Eles não levaram a bem a intromissão do Estado e reagiram violentamente perante um poder que lhes era totalmente estranho. Reagiram à sua maneira. Como costumam reagir as crianças, os adolescentes e os jovens diante duma injustiça de que são vítimas.

Ninguém como a criança e o jovem são sensíveis à injustiça. Ali foi cometida uma grave injustiça. E foram colocados no banco dos réus. As vítimas no banco dos réus! Era preciso dizer a verdade: Uma casa de família foi violada! A família era a Casa do Gaiato. Foi este o argumento forte. Não tinha outro com tamanha força capaz de levar os Juizes a reflectir na decisão tomada, mas irreversível, porque o poder da força sobrepôs-se ao poder do direito.

Estive no Vale das Amoreiras. Rapazes com suas mulheres e seus filhos, cheios de alegria pela visita inesperada. Horas amargas por que passaram foram caminho para uma união mais forte. — Mantende-vos unidos! — Ajudai-vos uns aos outros! — Não deixeis entrar no vosso meio a semente que vos divide! — Sede uma família unida e fazei uma verdadeira comunidade de famílias! — As questões, a má língua, a crítica surda e destruidora sejam palha queimada no fogo do Amor que vos gerou!

Depois, no Porto. Outra experiência. O nosso Lar, à Rua D. João IV, foi o princípio. O

Teixeira e Ana Maria, chegados do Brasil, em viagem fugidia, não quiseram regressar sem o jantar em comum. O Frias e Amélia levaram-me ao Bairro de Contumil. Foi a mesa à roda da qual se juntaram outros casais. Cada um contava o filme da sua vida e todos comungavam com satisfação e interesse. Para alguns, o tempo em que não nos víamos, contava-se por anos. Mas foram anos também vividos em comum debaixo das mesmas telhas, alimentados à mesma mesa, ao ritmo do dar e receber, do semear para colher agora. O tempo, a separação, a distância não cortaram laços tão ricos de profundidade. A família é uma sementeira que se faz ao longo da vida, desde que se nasce...

A felicidade do lar do Raúl e da Zira, do Zé e da Adelaide, do Zé e da Madalena..., tantos que foram lembrados em cada «paragem» (não houve tempo para mais) é a felicidade da Obra que os gerou.

Precisamos de voltar às fontes da Vida que está na Família para sermos sempre jovens.

Padre Manuel

AQUI LISBOA!

Cont. da 2.ª página

sobretudo nos mais difíceis, mesmo que isso envolva sacrifício e renúncia.

Ao terminarmos estas considerações não queremos deixar de saudar, destas colunas, todos os nossos Irmãos idosos, doentes ou não, com uma palavra de amizade e de respeito, lembrando uma frase do falecido Presidente Kenedy: «Não é suficiente acrescentar novos

anos à vida, o nosso objectivo é acrescentar uma vida nova a esses anos...»

● Na semana em que este número de O GAIATO sai, comemoramos os 35 anos desta Casa e os 43 da Obra. Não queremos deixar de assinalar tais efemérides, saudando todos os nossos Amigos e desejando-lhes também um feliz 1983.

Padre Luiz

A fundação da OBRA DA RUA

Cont. da 1.ª página

sos. Era assim a vida das Colónias de Campo do Garoto da Baixa (de Coimbra).

Surgia, porém, uma dificuldade de ordem moral que se tornava necessário remediar: Os garotos pediam para ficar mais tempo — «que a gente, em casa, passamos fome»; os pais escreviam a pedir aos dirigentes que deixassem ficar seus filhos por mais algum tempo, «que a gente agora não ganha»; e, finalmente, mesmo sem pedidos nem cartas, via-se perfeitamente a necessidade de prolongar o estágio a certos deles, cujo estado de fraqueza era evidente.

Urgia, pois, arranjar casa própria com organização permanente, na qual se pudesse amparar, por tempo indeterminado, o pequeno do tugúrio — e assim se fez.

Adquiriu-se uma casa de habitação dentro de uma pequenina quinta, em Miranda do Corvo, a trinta quilómetros da cidade de Coimbra, com horizontes rasgados e banhada de sol todo o dia; à qual se chamou para ficar a ser, Casa de Repouso do Gaiato Pobre.

● INAUGURAÇÃO

No dia sete de Janeiro do ano de mil novecentos e quarenta, deu entrada na Casa do Gaiato um grupo de três deles, que foram os pioneiros da Obra; e, no final do mesmo ano, verificou-se, pelo livro de registo, terem feito a sua cura de repouso, em sua Casa, quarenta e dois gaiatos da rua.

Não se cuide, porém, que a fundação da Casa do Gaiato destruiu as Colónias de Campo do Garoto da Baixa. Não. Estas funcionam precisamente como dantes, dentro da mesma quinta, sem prejuízo da Obra.

● FUNCIONAMENTO

O miúdo em cura de repouso é retirado do tugúrio e apresentado ao médico responsável que, num instante, julga da sua idoneidade.

Uma vez instalado no que é seu, a menos que tenha a obrigação de ficar na cama todo o dia, faz cada um a sua, para o que são escalados todas as semanas; e executam todos o seu pequenino trabalho, com brio e com perfeição. A Casa é pobre e os seus pequeninos habitantes têm de aprender a ser pobres e a amar a Pobreza.

Não é vida pautada por estatutos nem por regulamentos, esta que os gaiatos levam dentro da Casa deles. É vida essencialmente de família, com entrada franca na cozinha, nas salas e nos quartos, onde as obrigações os esperam; e da mesma sorte na quinta, nas capoeiras e no jardim.

O pequeno toma brio e quer fazer mais e melhor do que o seu companheiro: «Venha ver que já acabei» — dizem à gente, no fim da obrigação.

Os que já são da Casa, ensinam eles mesmo o garoto que chega; são da mesma idade, da

mesma rua, da mesma laia. Ninguém como eles ensina aos outros o bem... ou o mal!

Ensinam o silêncio, nas horas dele, não respondendo às inúmeras questões postas pelo «recruta»; ensinam a obrigação, fazendo eles mesmos, diante do «recruta», a que lhe foi cometida; e ensinam a rezar, apontando, com o indicador, ao dito «recruta», o Crucifixo suspenso da parede. Ajudam-se. Amam-se.

Se chega algum miúdo na casa dos quatro ou dos cinco anos, a sua ama desvelada fica sendo outro miúdo, quase da mesma idade; e toma conta dele a sério e a valer, nas camarátas, no refeitório, no passeio — sempre e em tudo.

Ninguém sabe o mal que faz com a chusma de criados e de criadas, dentro do Asilo, e quejandas organizações! Deforma-se a Criança. Rouba-se-lhe o que ela tem de mais precioso: o desejo de dar-se e de servir para alguma coisa.

Na Casa do Gaiato não há criados. Cada rapaz basta-se e realiza-se a si mesmo, numa vida puramente objectiva, igual à que devia ter em sua casa, no seu meio, se o mundo social andasse equilibrado.

Na Casa também funciona um Posto de Ensino, onde o catraio continua os estudos que houve de interromper na Escola que deixou.

● RENDIMENTO SOCIAL

O pequenino habitante da Casa do Gaiato, além do mau aspecto físico com que se apresenta à chegada, traz consigo outro muito pior, que se não vê: é o seu aspecto moral.

Recrutado, como ordinariamente sucede, na cintura de miséria da cidade de Coimbra, o primeiro e o maior Bem que se faz à Criança é furtá-la, por algum tempo, à acção perniciosa da família!

Aborrecido em sua própria

ANIVERSÁRIO

Cont. da 1.ª página

São etapas interligadas: O espírito de fé nos leva ao cultivo da presença do Senhor e esta nos conduz aos mais pobres e aflitos.

Creio que todos nós — padres, senhoras e obreiros — na entrega à Obra, tivemos a preocupação e o desejo de encontrarmos o Senhor nos Pobres. Não para um simples encontro — mas para vivermos com Ele. Aos discípulos — quando Lhe perguntaram «onde moras Tu?» — respondeu: «Vinde e vede». Eles foram e ficaram com Ele.

Ele — o Deus dos vivos! Sempre presente!

Importa tomarmos consciência viva desta presença e deixarmos-nos informar por ela.

Mais do que uma simples adesão às verdades evangélicas, nossa fé deve ser, pois, um relacionamento filial e amigo com Cristo — terminando numa confiança e entrega totais.

A fé é um dom do Senhor. Quando entregámos nossa vida à Obra — foi um acto de verdadeira fé nela como Obra de Deus. Mas esta fé, sendo também produto do nosso esforço, é susceptível de aumento na medida da vivência quotidiana da presença do Senhor.

Vida a dois. Amigos e companheiros.

No Evangelho vemos Jesus, várias vezes, entristecendo-se com a pouca fé dos discípulos. Também hoje, todas as faltas de confiança são uma mágoa para o Seu coração de verdadeiro Amigo.

Nunca a mão amiga do Senhor faltou à nossa Obra. Também não faltará se nós tivermos fé; se vivermos Sua presença em nossa vida; e se não nos afastarmos dos Pobres e aflitos.

Nem o nosso cansaço e a falta de vocações sejam motivo de desânimo; mas, antes, ocasião para mais espírito de fé e amor.

Façamos da nossa parte tudo: desde o sacrifício da nossa disponibilidade à coragem das nossas vidas em verdadeira união e amor.

Caminho longo e difícil! Não o procuremos fora de nós! Ele começa no nosso próprio coração!

No 43.º aniversário da nossa Obra — e 35.º da Casa do Gaiato de Lisboa — tenhamos a coragem de entregar tudo nas mãos do Senhor e de, em cada passo, executarmos fielmente a Sua vontade com alegria e em paz.

Padre Telmo

casa, o pequenino que se nos apresenta traz sede de carinho e vontade de amar; e num instante se corrige dos seus defeitos, pelo amor que se lhes presta; que a única vitamina que cura as chagas da alma e alimenta a virtude destes gaiatos, é o Amor.

Têm-se colocado alguns em famílias boas de Coimbra, na qualidade de criaditos. Afeito à obrigação na Casa do Gaiato, o pequeno não estranha o trabalho, responde perfeitamente à vontade e aos desejos das boas donas de casa, as quais cedo conhecem o bem que encontraram; e se algum receio experimentam, é única e simplesmente o de o perderem.

Outros catraios, sem família ou de família incapaz, têm-se colocado em oficinas da vila de Miranda do Corvo ou na cidade de Coimbra; e já houve dois gaiatos que declararam, espontaneamente, o desejo de seguir a vida sacerdotal — a primeira bênção do Senhor!

● FUNDOS

A Obra não tem fundos nem isso interessa!

A gente vai procurar o pequenino mais fraco, entre os doentes; o mais viciado, entre os viciosos; o mais desprezado, entre os desprezíveis.

Procuramos, outrossim, dar-lhes do melhor que temos em Casa: adormecê-los em lençóis lavados; ensiná-los a apanhar borboletas; e pôr as mãos, mais eles, à hora da oração. O resto não é da nossa conta!

● FINALIDADE

Esta já foi dita algures, pelo padrezinho da Rua, e repete-se agora:

A Obra da Rua tem a seu cargo e por sua conta, a Casa de Repouso do Gaiato Pobre, nome indicativo da sua finalidade. É para acudir ao pequenino fraco, impedir que ele venha a sofrer da tuberculose e dar lugar a outros pequenos. Assim foi pautada e assim tem de ser conduzida a Obra.

Mas ele há uma tal quantidade de crianças espontâneas, e vem de tão longe o costume de as botar na Roda, que se algum pobre mortal se decide a abrir Casa a bem dos filhos do Pobre, vem logo a opinião pública impor-lhe a obrigação de receber, também, os filhos da moínice!

Eu, que sou esse pobre mortal, tenho sido furiosamente atacado com balas numerosas e piedosas, e só pela muita violência que a mim mesmo faço, é que não tenho caído no

chão: «Tenha pena do menino!» Tem-se levado a ousadia a pontos de conduzir crianças e deixá-las ficar à porta da Casa, como fizeram recentemente com uma, mandada de Coimbra na companhia não sei de quem: «Ande, senhor Padre, que o menino não tem culpa!»

Esta santa e fácil maneira de dizer as coisas, encobre culpas de todos; e se alguma verdade mostra, esconde outra bem maior.

A virtude tem sua hierarquia. Antes da Caridade está a Justiça. Se o menino não tem culpa, nem eu. Chame-se e obrigue-se quem na tem.

Os passos que por falsa caridade se perdem, a bem desta classe de crianças, devem ser dados por quem de direito; e assim entram as coisas no seu lugar, com todo o seu rendimento — Justiça.

O menino que piedosamente se foi entregar à Casa do Gaiato, para ficar, tem a história de milhares deles, de uniforme e com assinatura nas casas do Estado. Indaguei pessoalmente. É filho de uma criada de servir, a qual criada já teve outro menino depois deste, e deve andar a estas horas a enfeitarse para nova e auspiciosa aventura, amparada, como se encontra, pela caridade do mundo, que não tem nada de comum com a de Cristo Jesus.

E se houvesse, para estes casos, lei que obrigasse quem se não obriga em consciência? E se a opinião pública, nestes casos, se voltasse e revoltasse contra os responsáveis, deixando em boa paz quem procura trabalhar a sério?

Quanto mais casas se abrirem e quanto mais leis se fizerem a proteger a criança, mais lugares hão-de ser solicitados, desde que se olhe mais para «o menino que não tem culpa», do que para o homem e para a mulher que a têm toda. E as casas já criadas e as leis já feitas são, por natureza, incitamento ao crime, porquanto nelas se recebe, sem discutir nem reagir, o filho clandestino, em lugar de os órfãos das Famílias Pobres.

Em nome de Deus quero solenemente declarar hoje, aos Amigos da Obra da Rua, que ela foi criada e lançada para amparar dignamente o Filho da Família Pobre. E que, se eu não puder vencer o costume, a opinião e a caridade do mundo, os três inimigos das Obras de Deus, fecho a porta, entrego a chave, dou as boas noites e vou-me embora. *Amém. 15!*



Tiragem média por edição no mês de Dezembro: 52.980 exemplares